



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Há um mês no inferno

FAMILIARES DE ISRAELENSES SEQUESTRADOS PELO GRUPO EXTREMISTA HAMAS, EM 7 DE OUTUBRO, RELATAM DRAMA AO **CORREIO**. INCERTEZA, ANGÚSTIA E MEDO CONVIVEM LADO A LADO COM A ESPERANÇA DO RETORNO PARA CASA

» RODRIGO CRAVEIRO

Nas últimas 720 horas, as famílias de sequestrados pelo Hamas têm enfrentado um pesadelo. Desde aquele 7 de outubro, quando o grupo extremista palestino assassinou 1.400 pessoas e arrastou 242 para a Faixa de Gaza, o horror, o medo, a angústia, a incerteza e a insônia convivem com a esperança e o sonho de um abraço depois do retorno para casa.

Supervisora de uma companhia de seguros na cidade de Herzliya, a cerca de 11km de Tel Aviv, Mirit Regev, 50 anos, tinha acabado de retornar das férias no México. “Eu e meus filhos, Itay e Maya, chegamos em casa por volta da meia-noite de 6 de outubro. Duas horas depois, eles decidiram ir para a festa rave Nova, no kibbutz de Re'im”, contou ao **Correio**, por meio do WhatsApp. Re'im está localizado a apenas 150m da Faixa de Gaza.

Em 7 de outubro, Mirit e o marido, Regev, foram surpreendidos com um telefonema de Maya, 21 anos. “Papai, eles atiraram em mim! Eles atiraram em mim!”, gritou a filha. A voz do irmão, Itay, 18, aparece ao fundo: “Papai!”. Regev perguntou onde os dois estavam. “Eu não sei. Ele está nos matando. Papai, ele está nos matando. Itay, pegue a direção. (...) Nós estamos mortos. Eles atiraram em nós”, respondeu. Regev pede que eles se escondam. “Papai, eu te amo. Não podemos. Estamos no carro”, reagiu.

Pouco depois, o casal viu um vídeo de Itay algemado na camba de uma picape. As Forças de Defesa de Israel (IDF) foram à residência da família, dois dias depois, e anunciaram o sequestro também de Maya. “As últimas semanas foram um inferno. Cada dia é mais difícil do que a véspera. A falta de saber onde estão, o que estão comendo, onde dormem, se estão vivos... Não temos nenhuma notícia deles no cativeiro. Eu não quero comer, não posso dormir”, desabafou Mirit.

A mãe de Itay e de Maya reclama que não recebe nenhuma informação do governo. “Temos pouco apoio. Ninguém nos diz se eles estão vivos ou quando voltarão. Não temos muito o que fazer. Temos concedido entrevistas a veículos de comunicação.”

Segundo ela, todas as famílias dos 242 reféns têm protestado para tê-los de volta. “Eu e meu marido tentamos conscientizar o mundo sobre a situação dos sequestrados, especialmente nossos filhos”, concluiu.

Ahmad Gharabli/AFP



Camas representando os 242 reféns do Hamas são colocadas do lado de fora da Prefeitura de Jerusalém, em protesto para pressionar governo

Arquivo pessoal



“Cada dia é mais difícil do que a véspera. A falta de saber onde estão, o que estão comendo, onde dormem, se estão vivos...”

Mirit Regev, 50 anos, mãe de Itay (D), 18, e Maya (E), 21, capturados durante rave no kibbutz Re'im

Arquivo pessoal



“Recebemos uma mensagem de um vizinho pelo WhatsApp. Ele me disse que Alon foi sequestrado. Não sabemos se está vivo ou morto”

Avraham Lulu Shamriz (E), 61 anos, pai de Alon Shamriz (D), 26, capturado no kibbutz de Kfar Aza, a 2km de Gaza

No kibbutz de Kfar Aza, a apenas 2km da Faixa de Gaza, Alon Shamriz, 26, enviou uma mensagem pelo WhatsApp para o irmão, Jonathan, às 9h59 daquele 7 de outubro. “O Hamas entrou em minha casa. Por favor, chame todos”, escreveu. Jonathan

respondeu pedindo-lhe que ficasse quieto e completou: “Nós amamos você”. Às 10h02, Alon replicou com um emoji de coração e se silenciou. Pai de Alon e de Jonathan, Avraham Lulu Shamriz, 61, relatou ao **Correio** que, horas antes, às 6h30, o Hamas disparou

vários foguetes em direção à comunidade. “Enquanto corríamos para o abrigo, os terroristas vieram ao nosso kibbutz. Eram mais de 150 deles. Foram até as casas dos civis, arrancaram as pessoas de suas residências e as executaram na rua”, disse.

De acordo com Avraham, os extremistas atearam fogo aos imóveis e mataram, inclusive, jovens. “Eles vieram à minha casa e tentaram uma invasão. Eu os impedi. Então, a partir da sacada, começaram a disparar para dentro, mas não foram capazes de

entrar. Então, invadiram as casas de dois vizinhos e mataram pessoas lá”, relembra.

Massacre

Ele explicou que Alon estava do outro lado do kibbutz, na parte oeste. Mais de 150 extremistas do Hamas adentraram na residência, o arrancaram dali, com um amigo, e os levaram até Gaza. Cerca de 100 dos 400 moradores de Kfar Aza foram massacrados. “Os terroristas usaram granadas e queimaram alguns deles. Ficamos no abrigo durante 18 horas, até que as Forças de Defesa de Israel (IDF) vieram e nos levaram para fora do kibbutz até uma área segura”, comentou Avraham.

O pai de Alon afirmou que passou mais de 10 dias sem nenhuma notícia do filho. “Não tínhamos nenhuma sinalização sobre ele. Não sabíamos o que tinha lhe acontecido. Foi então que recebemos uma mensagem de um vizinho por meio do WhatsApp. Ele me disse que meu filho tinha sido sequestrado. Até agora, não sabemos se ele está vivo ou morto. Não sabemos o que aconteceu ao nosso filho”, desabafou. Ainda segundo Avraham, Alon é um “cara durão” e tinha confiança de que as IDF chegariam em poucos minutos.

Mayya Zin, 52, mãe de Dafna, 15, e de Ela, 8, tenta se apegar a um resquício de esperança. “Abro o WhatsApp e vejo uma foto de Dafna sentada de pijamas sobre um colchão, em Gaza, com o comentário ‘em roupa de oração seria melhor’”, disse à agência France-Press. Foi a única prova de vida das filhas, recebida em 8 de outubro e feita por meio do celular de Dafna. As garotas foram levadas da casa do pai delas, Noam, e da esposa Dikla, no kibbutz de Nahal Oz, junto à fronteira com o enclave palestino.

Na manhã de 7 de outubro, a madrastra começou a transmitir uma live pelo Facebook. Nas imagens, aparecem dois homens encapuzados com uma bandana verde do Hamas filmando a casa dos israelenses. O pai está ensanguentado. Ela, com os olhos transparecendo medo, está de joelhos. Noam e Dikla foram mortos pouco depois. Os corpos, encontrados crivados de balas.

“Às vezes, imagino que as estupram, depois, me digo que há tantas crianças ali, que são obrigados a tratá-las bem”, disse Maayan. “Eu as vejo em túneis, em casas sem luz, debaixo da terra ou se refugiando em hospitais para não serem bombardeadas. Eu as vejo mortas, feridas.”

Israel diz ter dividido a Faixa de Gaza em duas

Apesar das tentativas de negociação de pausas humanitárias lideradas pelos Estados Unidos, Israel mantém forte ofensiva na Faixa de Gaza. Ontem, após uma campanha de bombardeios “significativos”, o exército do país afirmou ter dividido o enclave em dois: Gaza sul e Gaza norte. Segundo o Hamas, os “intensos bombardeios” estão ocorrendo perto de vários hospitais, incluindo o de Al Shifa, o maior da região.

Porta-voz do exército israelense, Daniel Hagari disse que, mesmo com a divisão do enclave, as tropas estão “permitindo a passagem de civis do norte de Gaza e da cidade de Gaza para o sul”. Desde o início da

ofensiva, 1,5 milhão de palestinos tiveram que abandonar suas casas, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

“A situação é muito difícil. Não há pão, nem água, nem mesmo água salgada. Vimos cadáveres, as crianças ficaram com muito medo. A situação era muito assustadora”, contou, à agência France-Press de notícias (AFP), Zakaria Akel, que fugiu com a família para o sul da Faixa, onde os combates são menos intensos. No centro do enclave, em Maghazi, um ataque a um acampamento de refugiados na noite de sábado resultou na morte de ao menos 45 pessoas, segundo o Ministério da Saúde do Hamas.

Diplomacia

O acirramento da ofensiva israelense se dá em um momento em que o chefe da diplomacia dos EUA atua na região em prol de uma trégua humanitária para ajudar os civis. Antony Blinken chegou, ontem, a Bagdá após visitar Ramallah, na Cisjordânia ocupada, e o Chipre. Em Ramallah, ele se reuniu com o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, e lhe disse que os palestinos de Gaza “não devem ser deslocados à força”, de acordo com um porta-voz do Departamento de Estado. Abbas, por sua vez, denunciou “o genocídio e a destruição sofridos” pelo seu povo.

Em Bagdá, Blinken se encontrou com o primeiro-ministro iraquiano, Mohamed Shia al Sudani, em uma visita surpresa, uma vez que as bases americanas no Iraque têm sido alvo de vários ataques desde o início do conflito entre Israel e o movimento palestino Hamas. Washington acusa o Irã de estar envolvido indiretamente nessas ataques que também tinham como alvo suas tropas na vizinha Síria. A reunião no Chipre foi com o presidente Nikos Christodoulides para discutir, de acordo com a Presidência cipriota, a criação de um “corredor marítimo” para fornecer assistência humanitária a Gaza.

O deslocamento na região,



Acampamento em Maghazi, no centro do enclave, foi alvo da ofensiva

porém, se tornou mais difícil desde sábado, quando o Hamas suspendeu a evacuação de estrangeiros para o Egito por meio da passagem de Rafah. A medida

foi tomada após um comboio de ambulâncias ser bombardeado por Israel, no dia anterior, deixando 15 mortos e 60 feridos, conforme o grupo extremista.